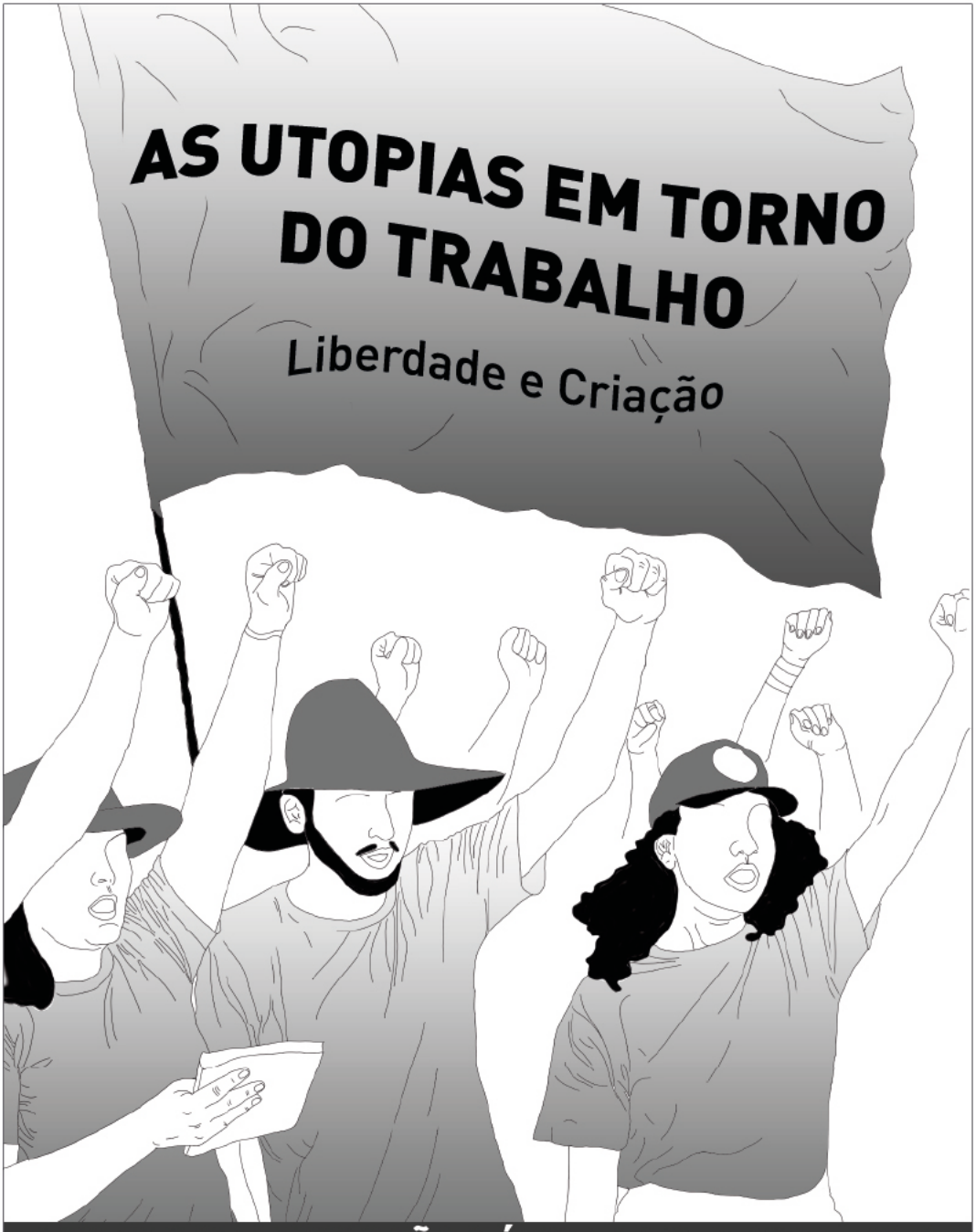

ESCOLA DE FORMAÇÃO BÁSICA MULTIPLICADORA DA ECONOMIA POPULAR SOLIDÁRIA 2022

Apoio:
TECSOL INCUBADORA DE ECONOMIA SOLIDÁRIA DA UTFPR-CT
INCRA
Realização:
OCTURIA
TERMO DE FOMENTO Nº 857556/2017
SECRETARIA NACIONAL DE INCLUSÃO SOCIAL E PRODUTIVA
MINISTÉRIO DA CIDADANIA
GOVERNO FEDERAL

VERSÃO DIGITAL

SÉRIE

HISTÓRIA SOCIAL DO TRABALHO

CADERNO 4

UTOPIAS EM TORNO DO TRABALHO

LIBERDADE E CRIAÇÃO

ESCOLA DE FORMAÇÃO BÁSICA MULTIPLICADORA
DA ECONOMIA POPULAR SOLIDÁRIA
2022

TEXTO Gisele Carneiro
REVISÃO DO TEXTO Lucas Paulatti Kassar
CAPA Rayane Costa
DIAGRAMAÇÃO Luciane de Carvalho Hulyk

UTOPIAS EM TORNO DO TRABALHO: LIBERDADE E CRIAÇÃO

Caderno 4 da Série História Social do Trabalho

Subsídio referente à primeira etapa da Escola de Formação Básica Multiplicadora da Economia Popular Solidária

institucional.cefuria@gmail.com
(41) 3225-5582 / (41) 3322-8487
http://www.cefuria.org.br/

2ª edição
Curitiba, setembro de 2022

IMPRESSO POR LUNAGRAF GRÁFICA E EDITORA

sumário

apresentação..... 7

trabalho e utopia..... 9

E o trabalho no capitalismo? 9

O que é utopia?..... 13

as críticas ao capital que fundaram as utopias 16

Desigualdade de recursos e de poder..... 16

Ditadura do capital 18

Concorrência 18

Degradação da natureza..... 19

experiências não capitalistas..... 22

Utopias do trabalho no século XIX na Europa 22

Socialismo e comunismo 22

Anarquismo 23

Comuna de Paris..... 24

Movimento cooperativista..... 26

Movimento Zapatista..... 26

Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra 30

palavras finais 35

referências 37

apresentação

Neste caderno da coleção "A História Social do Trabalho" encontraremos reflexões sobre utopias construídas por trabalhadoras e trabalhadores, em diferentes momentos da história contemporânea, em luta contra a exploração vigente no modo de produção capitalista.

Desde o início do capitalismo as pessoas sonham com um mundo diferente. E não apenas sonham, mas buscam **criar** este mundo sonhado, desejado. Tudo o que existe já passou pela imaginação de alguém. Quando um sonho se realiza é porque ele foi crescendo, "contagiando" outras pessoas, tomando uma dimensão maior, até o momento em que se tornou realidade.

Já diria o compositor brasileiro Raul Seixas: "sonho que se sonha só, é só um sonho que se sonha só, mas sonho que se sonha junto é realidade".

É desses sonhos que vamos falar neste caderno. Visitaremos experiências antigas e recentes de sociedades alternativas, de experiências econômicas distintas daquelas típicas do modo de produção capitalista.

E, principalmente, vamos nos unir aos grupos que sonham e buscam realizar estes sonhos. Vamos deixar a nossa marca, acrescentando uma pitadinha dos nossos desejos e potencializar uma luta que se trava há muitos anos na história, que é a luta por dignidade, respeito e amor à vida, onde quer que ela se manifeste.

trabalho e utopia

Por meio do trabalho, o ser humano promove interações com a natureza e com outros seres humanos, para a satisfação de suas necessidades; transforma o entorno e a si próprio, aperfeiçoando suas capacidades e adquirindo outras, em um ato de criação, de liberdade e de relações sociais.

O trabalho humano tem uma qualidade específica, distinta das atividades realizadas por um animal. Uma aranha desenvolve operações que lembram as de um tecelão e as abelhas constroem suas colmeias com perfeição. No entanto, os animais não desenvolvem trabalho, como compreendemos o trabalho humano. O que diferencia o trabalho realizado pelo ser humano das atividades dos animais é que o ser humano consegue projetar o resultado do seu trabalho na sua mente antes de iniciar a atividade. Ele antecipa, imagina, faz previsões de possíveis e diferentes resultados, relaciona mentalmente os produtos e condições necessárias etc.

E o trabalho no capitalismo?

O capitalismo "desumanizou" o trabalho humano, ou seja: extraiu dele a liberdade e a criação, e fez com que as relações sociais se tornassem relações de opressão.

O modo de produção capitalista criou o trabalho alienado e fragmentado: na fábrica, os seres humanos só executam e conhecem uma parte do trabalho em que estão envolvidos, não conseguem e não têm direito a enxergar o todo da atividade que executam. Além disso, quem trabalha é impedido de usar sua criatividade e não tem poder de decisão sobre o que faz, porque os comandos sobre o que, como, para que e para quem produzir, vêm de fora, das pessoas que possuem os meios de produção e seus representantes, como gerentes, diretores etc. (Marx, 1981).

Quem trabalha não se sente protagonista do que foi produzido, pois o resultado de seu trabalho não lhe pertence. Além disso, até o produto é estranho a quem o produziu, pois este só conhece uma parte do processo de produção, tornando o produto um ente mágico, um objeto de desejo, que dificilmente a pessoa que produziu poderá possuir – algo que Marx chamou de fetiche da mercadoria. Um exemplo que podemos citar é uma fábrica de automóveis de luxo. Quem trabalha na linha de produção possui um exemplar do automóvel que produz? Quem trabalha na linha de produção sabe produzir todo o automóvel? A resposta é NÃO. E quem trabalha na linha de produção do automóvel de luxo possui os equipamentos, as ferramentas, a tecnologia necessária à produção do automóvel? Novamente, a resposta é NÃO. A matéria prima foi extraída da natureza, com equipamentos e tecnologia que somente os grandes capitalistas possuem.

Quem trabalha possui somente a sua força de trabalho: sua energia, suas mãos, seu corpo, seu suor. E lhe é exigida obediência e submissão, porque o pequeno pagamento que recebe por seu trabalho é vital para o seu sustento e o de sua família.

Você é ou já foi artesã, ou artesão? Então sabe que, ao produzir, primeiro você imagina o que vai fazer, depois providencia matéria prima, ferramentas, local de trabalho, anota o que gastou, faz o preço, produz e comercializa. Qual é o sentimento que você experimenta quando o seu artesanato fica pronto? Sente orgulho? Dá até pena de vender porque ficou tão bonito e você queria guardar para si?

Agora imagine se você for contratada em uma fábrica que produz objetos em série, ou seja, todos iguais, parecidos com aqueles que encontramos nas lojas populares. Na fábrica, sua única função, durante todo o dia, será produzir, por exemplo, o fecho da carteira. O seu trabalho é alienado, porque você não criou a carteira na imaginação, não planejou como fazer, não sabe onde encontrar a matéria prima igual àquela que utiliza, não possui os equipamentos necessários à produção e nem sequer sabe produzir a carteira inteira, somente aprendeu a produzir os fechos.

Se a carteira for sofisticada e vendida em lojas de luxo, você nem sequer terá acesso a ela, porque é muito cara e o seu rendimento não permitirá. Isso

é trabalho alienado, que não gera motivação, entusiasmo, alegria e orgulho de ver o resultado. Também não permite que quem produz tenha um exemplar.

Agora vamos exemplificar a partir de trabalhos de corte e costura. Imagine-se uma trabalhadora ou um trabalhador envolvido na economia solidária, pertencente a um coletivo de costura. O grupo recebe uma grande encomenda, se reúne para planejar a compra de matéria prima, o preço a ser cobrado, a organização do trabalho e a partilha a ser feita ao final do trabalho (divisão das sobras). Em seguida, o grupo se reúne para cortar o tecido, a costura é feita coletivamente num mesmo espaço ou cada costureiro ou costureira leva costuras para fazer em casa, depois o grupo se reúne novamente e socializa o resultado do seu trabalho. Em todas essas fases, observa-se comunicação, organização, planejamento, democracia participativa, compartilhamento de responsabilidades, conflitos etc. Ao final do processo, percebe-se o trabalho como criação, como organização, como democracia, geração de renda, partilha.

E se for um processo tipicamente capitalista, como acontece com as grandes marcas de confecções? A produção de roupas, nesse caso, é marcada pelo alto grau de exploração e as vítimas, em geral, são as mulheres. Há situações nas quais elas atuam em longas jornadas de trabalho e recebem pagamentos irrisórios, por produtividade, vivendo em condições similares ao de trabalho escravo[1].

Você trabalha ou já trabalhou em uma padaria comunitária da economia solidária? Caso positivo, sabe que o processo de trabalho tem várias funções e etapas. As pessoas decidem coletivamente sobre o que produzir, como produzir, qual preço colocar, onde comercializar, como comercializar, como divulgar, como fazer a partilha justa das sobras, como aplicar o dinheiro recebido. Além disso, uma padaria comunitária exige que se realize vários tipos de trabalho:

1 Recomendamos um documentário e dois artigos que bem retratam a realidade da indústria de roupas no Brasil: *Estou me guardando para quando o carnaval chegar*, dirigido por Marcelo Gomes (2019); Revista Carta Capital – Trabalho escravo na indústria da moda em São Paulo, disponível no link <https://www.cartacapital.com.br/blogs/fashion-revolution/trabalho-escravo-na-industria-da-moda-em-sao-paulo/>. Acesso em 13/08/2022. Jornal Brasil de Fato – A indústria da moda violenta um milhão de mulheres costureiras, disponível no link <https://www.brasildefato.com.br/2021/05/17/saiba-por-que-a-producao-de-roupas-e-um-dos-trabalhos-mais-opressivos-para-mulheres>. Acesso em 13/08/2022.

produção, formação, comercialização, limpeza, divulgação, embalagem, etiquetagem, gestão financeira, entre outros. Em uma padaria comunitária, que faz parte da economia solidária, todos os tipos de trabalho são valorizados e todas as pessoas são convidadas a desenvolver todas as funções nas diferentes etapas. Ou seja, exercita-se a criação, a liberdade, a socialização, a solidariedade. E cada pessoa participante se sente responsável e admirada por tudo o que produziu.

E numa panificadora de um grande supermercado? E numa pequena panificadora capitalista? Há quem produza salgados, doces, lave a louça, cuide da limpeza. Há casos em que as mesmas pessoas fazem todos esses trabalhos **manuais**, exceto os que exigem planejamento e decisões, em especial sobre como utilizar o dinheiro, trabalho que fica restrito aos donos da empresa capitalista ou, no máximo, aos gerentes.

Uma trabalhadora rural prepara a terra, escolhe a semente, planta de acordo com a fase da lua, molha a plantação, observa a germinação da semente, prepara o adubo orgânico, acompanha o crescimento da planta com expectativa e admiração. Quando chega o momento da colheita, reina um sentimento de orgulho, alegria, satisfação e criação.

E na agricultura mecanizada, no agronegócio? Nesse caso, a trabalhadora ou o trabalhador pode ser contratado somente para colher toneladas de café, cortar cana ou outra atividade. Nesse caso, não participou do plantio, foi impedido de ver as sementes germinarem e não pôde se apropriar do resultado do seu trabalho. Além disso, há o alto risco de contaminação por pesticidas, acidentes de trabalho, insolação, dentre outros.

A alienação do trabalho no campo nos grandes latifúndios se junta à exploração[2] , porque o capitalista em geral não paga salário fixo, paga por produtividade (salário por peça, segundo Marx), o que gera uma superexploração da força de trabalho. Isso porque o engajamento de quem trabalha vai de encontro ao objetivo capitalista de lucratividade com a produção.

2 Há um excelente artigo que pode trazer à luz a exploração a que estão submetidos trabalhadores e trabalhadoras rurais na cafeicultura e como lhes é extraída a mais valia absoluta. VILAS BOAS, Lucas Guedes; CROCO, Fábio Luis Tezini. O salário por peça na cafeicultura da região geográfica intermediária de Varginha-MG. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/campoterritorio/article/download/50714/29328/233643>. Acesso em 13/08/2022.

Neste caso, as máquinas desempenham boa parte da produção e as pessoas são contratadas para desempenhar apenas uma fase do processo de produção. Atualmente as máquinas fazem praticamente toda parte do serviço, sobrando a quem trabalha funções manuais repetitivas, perigosas e insalubres. Vale lembrar os casos em que trabalhadoras e trabalhadores do agronegócio canavieiro submetidos à escravidão perderam até mesmo seu posto de trabalho escravo com a mecanização do corte de cana. Mesmo com o avanço da tecnologia, ainda há muito trabalho manual nas lavouras, e vamos citar as lavouras de fumo no Rio Grande do Sul, cujos proprietários foram denunciados em 2021 por prática de trabalho escravo que incluíam crianças, adolescentes e imigrantes[3].

Romper com este círculo fundamental do capitalismo, que é o trabalho alienado, é um dos desafios para superá-lo. Só assim poderemos falar de liberdade e retomar o trabalho como criação e emancipação.

O que é utopia?

A palavra utopia significa "em nenhum lugar".

Quem cunhou este termo foi Thomas Morus, que escreveu o livro "Utopia", escrito no século XV, no qual o autor imaginou uma ilha onde reinaria a igualdade, fraternidade e justiça social. A educação teria papel fundamental para a preservação desta sociedade ideal, propagando e promovendo a interiorização de princípios, práticas e valores necessários à manutenção desta sociedade ideal.

Marilena Chauí (1984) diz que a utopia é a afirmação de que uma outra vida humana, feliz e livre, é possível. No entanto, possibilidade não significa garantia de realização, ou seja, o possível não é necessariamente o provável. Possibilidade é diferente de probabilidade.

Para esta autora, utopia envolve a negação da sociedade existente, ou seja, a sociedade utópica é diversa do modelo societário que conhecemos. Por isso, o movimento inicial é o da crítica ao modelo existente, percebendo os mecanismos de dominação e a violência manifesta em tais mecanismos. A partir

3 RS bate recorde de trabalhadores resgatados em situação análoga à escravidão em 2021. 10/02/201 CUT – RS. Disponível em: <http://cutrs.org.br/rs-bate-recorde-de-trabalhadores--resgatados-em-situacao-analoga-a-escravidao-em-2021/>. Acesso em 17/08/2022.

da crítica, imagina-se uma outra realidade, nos seus mínimos detalhes: outras instituições, outras leis, outra sociabilidade, outros princípios, a interiorização coletiva da nova realidade. Nas palavras de Chauí (2008), "*a utopia não é um programa de ação, mas um exercício de imaginação*". Isso porque a sociedade pode não estar pronta ainda para vivenciar o novo, o que não significa que este novo não se realizará.

Paulo Freire também afirma que utopia é um sonho possível, mas para torná-la real, é preciso o movimento de denunciar a estrutura desumanizante e de anunciar a estrutura humanizante. A utopia é um compromisso histórico. Segundo Paulo Freire (1980):

> *"A utopia exige o conhecimento crítico. É um ato de conhecimento. Eu não posso denunciar a estrutura desumanizante se não a penetro para conhecê-la. Não posso anunciar se não conheço, mas entre o momento do anúncio e a realização do mesmo existe algo que deve ser destacado: é que o anúncio não é anúncio de um anteprojeto, porque é na práxis histórica que o anteprojeto se torna projeto. É atuando que posso transformar meu anteprojeto em projeto; na minha biblioteca tenho um anteprojeto que se faz projeto por meio da práxis e não por meio do bláblábla. Além disso, entre o anteprojeto e o momento da realização ou da concretização, há um tempo que se denomina histórico; é precisamente a história que devemos criar com nossas mãos e que devemos fazer; é o tempo das transformações que devemos realizar; é o tempo do meu compromisso histórico. Por isso mesmo, somente os utópicos – quem foi Marx, se não um utópico? Quem foi Guevara, senão um utópico? Podem ser proféticos e portadores de esperança. Somente podem ser proféticos os que anunciam e denunciam, comprometidos permanentemente num processo radical de transformação do mundo, para que os homens*[4] *possam ser mais. Os homens reacionários, os homens opressores não podem ser utópicos. Não podem ser proféticos e, portanto, não podem ter esperança."*

4 Em seu livro Pedagogia da Esperança (2003), Freire faz uma autocrítica sobre a utilização do termo "homem" para generalizar o ser humano.

O pensamento de Paulo Freire e Marilena Chauí se complementam com as do poeta Antônio Machado, quando alerta ao caminhante que "(...) não há caminho, o caminho é feito ao andar. Andando se faz o caminho (...)".

A incerteza assusta quem se apega a certezas, mas na história há apenas possibilidades. Se acreditarmos que uma outra vida humana, a liberdade e a felicidade são possíveis, é preciso construí-la, ela será o que fizermos dela.

as críticas ao capital que fundaram as utopias

A seguir, vamos relacionar as principais críticas ao capital que fundaram as utopias em torno do trabalho, na visão de Boaventura de Souza Santos (2002) e Paul Singer (2000).

Desigualdade de recursos e de poder

Desigualdade social é, sobretudo, diferenciação de classes, gênero, etnia, raça, em especial no que se refere à renda, qualidade de vida, espaço geográfico, educação, cultura, política, entre outros fatores.

A desigualdade é facilmente observada ao andarmos nas ruas do centro da cidade e verificarmos a existência de pedestres andando apressadamente, deparando-se com pessoas em situação de rua que parecem ser invisíveis. Carros luxuosos dividem espaços urbanos com catadoras e catadores de materiais recicláveis, entre eles pessoas idosas, crianças e mulheres, que passam o dia carregando manualmente carrinhos pesados em longos percursos.

Como é possível que o progresso e o avanço tecnológico não proporcionaram condições dignas de vida a todas as pessoas?

O modo de produção capitalista não se movimenta para favorecer todas as pessoas, mas apenas **algumas** pessoas. A classe dominante se apropria dos meios de produção e das riquezas socialmente produzidas, acumulando capital por meio da exploração da classe que vive do trabalho.

CATADOR DE MATERIAIS RECICLÁVEIS NAS RUAS DE CURITIBA

A tecnologia, que avança a cada dia promovendo a automação dos processos produtivos, amplia a desigualdade, porque beneficia apenas quem a elas tem acesso e controle.

A desigualdade se expressa na relação desigual de forças, ou confronto desigual. Ou seja, quem acumula riquezas materiais também acumula poder, pois participa ativamente das instâncias de decisão política que afetam todas as pessoas e perpetuam as desigualdades.

Concluímos que a sociedade capitalista é sempre desigual e não poderia ser diferente, porque a desigualdade faz parte de sua essência.

Ditadura do capital

Paul Singer (2000) dizia que no sistema capitalista não há democracia, porque reina o autoritarismo das empresas, que são personagens centrais nesse sistema. Nas suas palavras:

> *"(...) nas empresas, há poder ilimitado que o direito de propriedade proporciona ao dono dos meios de produção: todos que trabalham na empresa só podem fazê-lo por ato de vontade do capitalista, que pode demitir qualquer um tão logo sua vontade mude. (...) A ditadura do capital na empresa faz com que (a) qualquer trabalhador deva obediência irrestrita às ordens emanadas do dono ou de quem age em seu nome; (b) todo fruto do trabalho coletivo seja propriedade do capitalista, em cujo benefício todos os esforços devem ser envidados; (c) o trabalhador só faça jus ao salário previsto contratualmente e aos seus direitos legais" (SINGER, 2000, p. 14).*

Num país capitalista, as grandes empresas governam mais do que os governos, que se submetem à iniciativa privada. As grandes corporações transnacionais estão em todo o mundo e dominam a esfera econômica, política, cultural e social.

Concorrência

A concorrência, competição, disputa, é uma forma de relação social que está na essência da sociedade capitalista, sendo muito útil para preservar as desigualdades, manter privilégios das classes dominantes e dividir as classes populares.

Os esportes, de modo geral, são competitivos. Vence quem é "melhor". As crianças, desde cedo, aprendem a competir nas brincadeiras infantis.

Nas relações de trabalho a competição se torna ainda mais forte, começa na busca para conseguir emprego. Para cada vaga oferecida há centenas ou milhares de pessoas candidatas. É preciso "vencer", provar que é melhor para conseguir o "lugarzinho no céu". No emprego, é preciso provar que é melhor do

que a companheira ou companheiro de trabalho para conseguir uma promoção, salário melhor ou apenas elogios ou algum reconhecimento.

A desigualdade se revela também nas empresas, as pequenas são "engolidas" pelas grandes e poderosas corporações numa desigual correlação de forças. Para exemplificar, no ano de 2021, período da pandemia, no Brasil mais de 1,4 milhão de empresas fecharam, sendo 90% de pequeno e médio porte. No mesmo período, os bancos tiveram lucros recordes na pandemia e mesmo assim promoveram muitas demissões[5].

Competição é como se fosse guerra. Pode-se dizer que é, verdadeiramente, uma guerra, e a lei é a do mais forte. As mortes, tal como na guerra, acontecem com a diferença de que podem se dar de forma silenciosa: depressão, suicídios, dependência química, saúde comprometida, entre outros sintomas.

Paul Singer (2002) diz que ninguém se lembra de quem perde na competição capitalista. Se um candidato à vaga na empresa consegue o trabalho, o que acontece com os outros milhares que não conseguiram? Se no vestibular há 20 pessoas para cada vaga, o que acontece com quem sobra?

Quem perde na competição acumula perdas e isso influi de forma decisiva na autoestima e diminui, assim, a possibilidade de êxito futuro em outra competição. É como se fosse um círculo vicioso. A cada derrota, quem perde vai se "descapitalizando", vai se tornando mais frágil. É como uma ferida que se abre a cada dia.

Degradação da natureza

Tendo em vista que o modo de produção capitalista tem como objetivo a conquista ilimitada e desigual de lucro, tudo o que existe no mundo passa a ser mercadoria. Ou seja, tudo pode ser transformado em riqueza, propriedade privada, patrimônio, capital. Dessa forma, a natureza sofre ataques sistemáticos, devido à exploração predatória de seus recursos.

5 Informação disponível em: <https://www.bancariosrio.org.br/index.php/noticias/item/7917-bancos-batem-recorde-na-pandemia-e-nao-param-de-demitir>. Acesso em 12/09/2022.

Desmatamento, florestas incendiadas, terra envenenada por defensivos agrícolas (agrotóxicos), espécies animais em extinção, biodiversidade ameaçada, povos originários dizimados. Este é o rastro de destruição que o sistema capitalista deixa nesta nossa casa maior, a Terra.

Há uma grande diferença de tratamento com o planeta Terra, conforme é o modo de produção de um povo. Povos originários de vários continentes a reverenciam, fazem rituais, honram, celebram e se conectam com sua força criadora.

Para os povos guarani, por exemplo, a Terra é nossa mãe – uma entidade viva, uma consciência, uma inteligência. A Terra não nos pertence, ela não é nossa propriedade, mas dela somos filhas e filhos. Não somente nós, seres humanos, mas toda a vida nela existente.

Assim como toda mãe, a Terra cuida da sua prole:

"A arte do cuidado pressupõe um fundamento, que é o principal: o fundamento da compaixão. Então, o compromisso da mãe para com o filho é cuidar. E nós podemos perceber isso através daquilo que estrutura a nossa própria existência até agora: nossa pele, nossos ossos, nosso organismo são um desenho, uma tessitura que vem dessa grande mãe, antes de vir da mãe genealógica".

Kaká Werá[6]

6 Extraído da transcrição da palestra de Kaká Werá, guarani, em evento realizado em setembro de 2017, CEBB, Caminho do Meio, RS. Disponível em: <https://bodisatva.com.br/terra-e-de-nhanderu/> e <https://naomekahlo.com/os-quatro-principios-da-cultura-guarani/>. Acesso em 12/09/2022.

Na visão guarani e de muitos povos originários de todo mundo, cabe aos filhos honrar à Mãe Terra pelo seu amor incondicional, sob a forma de música, cantos, poemas, danças etc.

Já organizamos quatro críticas ao sistema capitalista, que fundaram as utopias em torno do trabalho. Agora, vamos conhecer algumas dessas utopias que se materializaram, na prática, e anunciam outras sociedades possíveis.

experiências não capitalistas

Este capítulo vai apresentar algumas experiências históricas não capitalistas, utópicas, no sentido atribuído por Marilena Chauí e Paulo Freire. Indicamos nesta cartilha chaves de leitura que você pode pesquisar e aprofundar. São portas que se abrem para o conhecimento de histórias "pouco contadas".

Utopias do trabalho no século XIX na Europa

O modo de produção capitalista teve início na Europa e a resistência naquele continente foi imediata. Quando as primeiras fábricas começaram a funcionar, no início da Revolução Industrial, houve o movimento dos Luditas, ou "quebradores de máquinas", grupos que depredavam as máquinas, indignados com o fato de estas gerarem desemprego e não servirem para proporcionar boas condições de vida a toda a população.

Muitas outras formas de resistências ao modo de produção capitalista aconteceram e acontecem em todo o mundo, vamos citar as mais conhecidas.

Socialismo e comunismo

O pensador Karl Marx dedicou sua vida a denunciar o modo opressor de produção capitalista e a anunciar uma sociedade igualitária. Este autor expôs a essência do sistema capitalista, investigando e escrevendo sobre a forma como ele se realiza e se reproduz, como promove a acumulação, como transforma a força de trabalho humano em lucro que se expande de forma ilimitada e desigual.

O comunismo, para este autor, seria uma sociedade sem estado, sem classes sociais, com propriedade coletiva dos meios de produção. O socialismo seria a transição do capitalismo para o comunismo, em que a classe trabalhadora, o proletariado, tomaria o poder, constituindo um estado forte que realizaria as

ações necessárias para a instalação do comunismo. Após algum tempo, não seria mais necessária a figura do Estado, que naturalmente se extinguiria. Haveria, então, o autogoverno da classe trabalhadora.

Segundo Marx e o seu parceiro Engels (2008), o Estado se dissolveria após o período de transição e os meios de produção seriam de todos e todas, numa sociedade igualitária que não subjuga o trabalho alheio, não tolera o trabalho infantil, a mulher deixa de ser simples instrumento de produção, deixa de acontecer a exploração da maioria dos seres humanos por alguns outros e inexiste a exploração de uma nação sobre outra.

A história mostrou que pouco aconteceu do que Marx e Engels previram. Países que alcançaram um regime socialista não fizeram a transição para o comunismo, sendo que alguns deles adotaram governos fortes e autoritários.

Anarquismo

Denomina-se anarquismo o movimento político que se opõe ao capitalismo e nega qualquer forma de hierarquia e autoridade. Rejeita a propriedade privada dos meios de produção e discorda que seja necessária a figura do Estado e as suas leis. No entanto, as aceita quando são elaboradas e discutidas coletiva e livremente. A sociedade ideal para o movimento anarquista é aquela na qual as pessoas têm liberdade de ação, poder de decisão e não necessitem seguir líderes ou figuras de autoridade (Bobbio, 2000).

O movimento anarquista, também chamado socialismo libertário, surgiu na Europa no início do capitalismo e se espalhou por todo o mundo. No Brasil, influenciou as famosas greves operárias no início do século XX.

O anarquismo tem como base a autogestão, ou gestão comunitária da sociedade. Funda-se no auxílio mútuo e na cooperação, defende a livre associação de indivíduos que se unem para produzir e distribuir os bens. Nessas organizações, busca-se eliminar toda a tendência autoritária e as decisões são tomadas coletivamente, sem níveis hierárquicos (WOODCOCK, 2000).

Comuna de Paris

A Comuna de Paris Aconteceu em 1871, em Paris, França, nos momentos finais de guerra da França com a Prússia. Mulheres e homens pobres tomaram as armas, movidos pela indignação com as medidas antipopulares do governo. Foi um importante acontecimento na luta da classe trabalhadora no século XIX na Europa, porque pela primeira vez, durante um período aproximado de dois meses, foi possível destruir uma estrutura capitalista e estatal e substituí-la por outra, completamente diferente, radicalmente democrática: um governo popular.

Na Comuna de Paris foi criado o que pode ser considerado um estatuto de uma utopia: decretos que previam a abolição de todas as formas de autoridade e a sua substituição por conselhos de bairro eleitos democraticamente; gratuidade na habitação, transporte, educação, saúde e tudo o que é necessário para viver; expropriação de empresas privadas, sendo os seus bens entregues à coletividade; abolição da hierarquia no trabalho; a escola como um espaço no qual as crianças estariam livres e felizes; fim da submissão das mulheres aos homens; entre outras medidas.

A Comuna de Paris foi completamente dizimada pelo exército francês e prussiano em uma guerra sangrenta que durou uma semana.

As mulheres tiveram atuação muito importante na Comuna de Paris. Destacamos o protagonismo de Louise Michel, feminista e anarquista, que esteve à frente da organização da comuna e na resistência, em meio aos canhões[7].

7 Sobre a Comuna de Paris, acesse a obra de Marx "Guerra Civil na França", cujo link está nas referências. Sobre Louise Michel, informações foram extraídas de <https://mst.org.br/2022/05/29/louise-michel-e-as-mulheres-da-comuna-de-paris/>. Acesso em 12/09/2022.

LOUISE MICHEL – ANARQUISTA FRANCESA, ATUOU NA COMUNA DE PARIS

“Cuidado com as mulheres quando se sentem enojadas de tudo o que as rodeia e se levantam contra o velho mundo. Nesse dia, nascerá o novo mundo”.

Louise Michel[8]

8 Disponível em <https://www.federacaoanarquista.com.br/citacao-chic-4/>. Acesso em 12/09/2022.

Movimento cooperativista

O movimento cooperativista surgiu na gênese do capitalismo industrial, sobretudo na Grã-Bretanha, quando famílias camponesas foram expropriadas das terras nas quais viviam e passaram a trabalhar nas fábricas, em condições desumanas. O movimento propunha trabalho humanizado, coletivo, igualdade de direitos e autogestão. Ou seja, uma modalidade não capitalista de trabalho. Enquanto o "motor" do capitalismo é a obtenção de lucro, o "motor" do cooperativismo é proporcionar qualidade de vida a quem trabalha e transformar a sociedade desigual. O movimento cooperativista foi inspirado no inglês Robert Owen, um importante socialista que inspirou muitos membros da Comuna de Paris (GEDIEL, 2001).

A primeira cooperativa que se tem notícia foi fundada em 1844, com o nome de "Sociedade dos Pioneiros de Rochdale", na Inglaterra. Era uma cooperativa de consumo, contava com 27 tecelões e uma tecelã, uma mulher chamada Elisa Brierley. Em um contexto de opressão às mulheres, Elisa foi a primeira mulher que ousou enfrentar a discriminação e se lançar no trabalho com os homens, de forma igualitária, encorajando outras mulheres a fazerem o mesmo.

Em seguida, vamos citar dois movimentos sociais contemporâneos, que estão próximos a nós, o Movimento Zapatista, no México, e o Movimento das Trabalhadores Rurais Sem Terra, no Brasil.

Movimento Zapatista

O Movimento Zapatista mexicano se inspira na figura de Emiliano Zapata, camponês, herói da Revolução Mexicana que aconteceu em 1910. Zapata lutava contra as desigualdades, justiça social, liberdade e direitos da classe trabalhadora.

"Quero morrer sendo escravo dos princípios, não dos homens"

Emiliano Zapata

As três flores da Esperança

A *liberdade* é como o amanhecer: alguns a esperam dormindo, mas outros acordam e caminham durante a noite para alcançá-la. Eu digo que nós, zapatistas, somos viciados em insônia e deixamos a história desesperada.

A *luta* é como um círculo, pode começar em qualquer ponto, mas nunca termina.

A *história* não passa de rabiscos escritos por homens e mulheres no solo do tempo. O poder traça o seu rabisco, o elogia como escrita sublime e o adora como se fosse a única verdade. O medíocre se limita a ler os rabiscos. O lutador passa o tempo todo preenchendo páginas. Os excluídos não sabem escrever... ainda[9].

O Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) foi organizado em 1994, por camponesas e camponeses indígenas do México, em busca de condições dignas de vida, em especial pela defesa das terras que ocupavam. Havia a ameaça dessas populações serem expulsas de suas terras para dar lugar à "modernização" defendida pelo capitalismo neoliberal internacional, que avançava sobre as terras indígenas para constituir latifúndios.

9 GENNARI, Emilio. EZLN – Passos de uma rebeldia. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/BlackBlocRJ/ezln-passos-de-uma-rebeldia-emilio-gennari>. Acesso em 30/08/2013.

As reivindicações dos zapatistas eram por terra, alimentação, teto, saúde, informação, educação, cultura, independência, justiça, liberdade, democracia e paz.

Em 1997 houve uma grande marcha que ocupou a Cidade do México, capital do país. Foi violentamente reprimida e ganhou projeção internacional, fazendo com que todo o mundo enxergasse a situação.

O Movimento Zapatista se organiza no estado mexicano de Chiapas, cuja maioria da população é de origem indígena, descendente dos povos Maias. Promove a continuidade das lutas de mais de 500 anos contra o colonialismo opressor. É uma luta contra o capitalismo neoliberal, reivindicando liberdade e justiça.

Atualmente o Movimento Zapatista tem avançado rapidamente na concretização das utopias em torno de uma organização não capitalista[10].

10 Disponível em: <https://outraspalavras.net/pos-capitalismo/o-zapatismo-e-seu-legado--28-anos-apos-o-levante/>. Acesso em 12/09/2022.

"ZAPATISTAS COBREM O ROSTO PARA DAR VISIBILIDADE AO MOVIMENTO COLETIVO... AO QUE NINGUÉM QUER VER. ESSA É A VACINA CONTRA A INDIFERENÇA E O ESQUECIMENTO" (SEMENTEIRA ZAPATISTA - FACEBOOK)CECOPAM. CURITIBA-PR.

DOCUMENTÁRIO EL FUEGO Y LA PALABRA (2003)

Em Chiapas organizam-se os chamados "caracóis", que são comunidades indígenas maias, autônomas, nas quais predomina o autogoverno de trabalhadoras e trabalhadores. A propriedade privada deu lugar à posse coletiva da terra; o trabalho é realizado conjuntamente e predomina a ajuda mútua.

As assembleias comunitárias tratam da resolução de questões relativas às comunidades. Há pessoas eleitas para o serviço comunitário, em sistema de colegiado, por mandato. Alguns lemas orientam as pessoas eleitas para desempenharem os papéis de liderança: "mandar obedecendo" ou "o povo dirige e o governo obedece"; "servir e não usar"; "propor e não impor"; "convencer e não vencer".

As juntas do bom governo atuam nas diversas ações das comunidades, na mediação de conflitos, articulações entre as diversas comunidades zapatistas, discussão de temas de interesse comum como saúde, educação e produção, reflexão sobre formas de impulsionar a execução das ações que foram decididas em assembleias, incentivo ao diálogo, entre outras ações.

Nos caracóis, a produção de alimentos se dá por meio da agroecologia, que é a agricultura praticada com a preocupação de cuidado com a natureza, sem latifúndio, sem monocultura, sem produção de transgênicos e sem utilização de produtos químicos na terra. A saúde combina a medicina ocidental e os saberes tradicionais.

A educação nos caracóis zapatistas recebe atenção redobrada, a partir da percepção de que a escola tem sido, historicamente, espaço de dominação ideológica e reprodução do eurocentrismo - a história contada desde a perspectiva hegemônica europeia. Por isso, há a crítica à educação oficial, que não leva em conta os saberes tradicionais e a cultura própria de um povo.

Nas centenas de escolas, todo o processo educativo é autônomo, conduzido pela própria comunidade e sem vinculação ao Estado. Busca-se promover a leitura crítica da realidade, recuperando a cultura, a língua e a cosmovisão própria. Enfim, parte-se da realidade concreta vivida pelas educandas e educandos, a partir das necessidades identificadas e perguntas por elas mesmas formuladas. As salas de aula não têm paredes e as línguas dos povos maias são

recuperadas. Educadores e educadoras são indígenas, nomeadas em assembleias e chamadas de "promotoras de educação autônoma[11]".

Os povos originários do México se utilizam da tecnologia e da palavra para não caírem no esquecimento, para tecerem redes de solidariedade e para denunciarem a voracidade do capitalismo que a tudo destrói e transforma em mercadoria.

A gira zapatista, que é chamada de "travessia pela vida", tem como objetivo percorrer o mundo denunciando os males do capitalismo, como a destruição da natureza, a violência contra as mulheres, a dizimação dos povos originários, o racismo, o militarismo. Em setembro de 2021, em plena pandemia, uma delegação com 180 pessoas partiu para a Europa, continente colonizador.

Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), surgiu no ano de 1984, em Cascavel, estado do Paraná, em um encontro nacional que reuniu centenas de trabalhadoras e trabalhadores rurais, migrantes, posseiros, posseiras e famílias atingidas por barragens.

Rapidamente a organização se expandiu por todo o Brasil, fortalecendo-se a cada dia. Hoje, é um importante movimento social brasileiro, conhecido e respeitado em todo o mundo.

O MST luta por mudanças sociais no país, luta por terra e por uma reforma agrária popular, na qual a terra seja dividida de forma justa e inclua uma relação de respeito e cuidado entre os seres humanos e a natureza.

A Constituição Federal de 1988 diz, no artigo 186, que a terra deve ser bem utilizada. O que significa que: (a) deve haver aproveitamento racional e adequado da terra; (b) é necessária a utilização adequada dos recursos naturais; (c) o meio ambiente deve ser preservado; (d) quem trabalha na terra deve desfrutar de bem-estar.

11 Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/a-educacao-zapatista/>. Acesso em 12/09/2022.

As ocupações de terras ao longo dos anos pressionaram governos que regularizassem muitas delas, tornando-se assentamentos de uso coletivo e com preocupação ambiental. Terras que pertenciam a poucos proprietários passaram a pertencer a centenas de famílias que dela tiram seu sustento e ainda produzem alimentos saudáveis para serem consumidos no campo e na cidade.

Ocupar terras é diferente de invadir: O MST ocupa terras abandonadas, que não cumprem sua função social. Invadir terras, ao contrário, é entrar em uma terra ocupada, expulsando e oprimindo quem está ali.

Atualmente, no ano de 2022, cerca de 450 mil famílias vivem em assentamentos espalhados em todo território nacional e cerca de 90 mil famílias estão acampadas aguardando a regularização da terra para viver, produzir e dela tirar seu sustento[12].

O MST não vê a terra como uma mercadoria ou como um bem a partir do qual se possa especular para lucrar. A terra é vista como uma fonte de vida, de trabalho, de produção de alimentos saudáveis. As terras ocupadas pelo MST são preservadas, cuidadas e recuperadas.

O MST conta com 1,9 mil associações comunitárias, 160 cooperativas e 120 agroindústrias em todo o Brasil[13]. Além disso o MST conta com 2.000 escolas públicas, 100 cursos técnicos de ensino médio e pós-médio, graduação e pós-graduação e 58 Centros de Formação[14].

12 Informações constantes no link <https://www.brasildefato.com.br/2022/01/22/mst-completa-38-anos-com-arrecadacao-historica-contra-a-fome-e-campanha-nas-redes-sociais>. Acesso em 12/09/2022.

13 Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/01/22/mst-completa-38-anos-com--arrecadacao-historica-contra-a-fome-e-campanha-nas-redes-sociais>. Acesso em 12/09/2022.

14 Disponível em: <https://mst.org.br/2021/09/22/pedagogia-do-oprimido-nos-movimentos-populares/>. Acesso em 12/09/2022.

O MST foi fundado em 1984, mas podemos dizer que ele tem origem nas lutas de todos os povos oprimidos da história do Brasil, há mais de 500 anos: povos originários; negras e negros escravizados; imigrantes exploradas e explorados[15].

Em 1850 foi promulgada a Lei de Terras que regulamentou as terras no Brasil. Por meio desta lei, estabeleceu-se que todas as terras do país possuiriam um proprietário, ou seja, para ter acesso à terra, seria necessário comprá-la. Antes da lei, a terra era uma concessão para utilização, não era ainda uma mercadoria. Depois da lei, a terra se tornou mercadoria e as pessoas pobres, entre elas as escravizadas libertas, que não contavam com recursos para adquiri-la, não puderam ser proprietárias e se tornaram "sem terra". O resultado se vê hoje, o Brasil é um dos países que mais concentra terras no mundo, e essas terras concentradas se constituem em latifúndios, muitos deles improdutivos[16] e que não atendem às necessidades alimentares da população.

O MST luta por uma reforma agrária popular, que significa disponibilizar terra para quem não a tem. Cabe ao Estado desapropriar latifúndios que não cumprem com sua função social e distribuir as terras entre camponeses e camponesas sem-terra, pequenos e pequenas agricultoras e pessoas assalariadas[17] .

O MST produz alimento agroecológico que é utilizado para a alimentação do povo brasileiro, e para isso esse movimento comercializa e faz doações para populações em situação de vulnerabilidade econômica e social. Isso porque, para o movimento, o alimento tem como objetivo alimentar o povo e acabar com a fome e a insegurança alimentar. Quando o alimento produzido pelo MST é comercializado, o objetivo dessa comercialização é gerar renda a quem trabalha.

O termo "agroecologia" vem de *agro*, que significa agricultura, mais *ecológica*: agricultura ecológica.

15 Disponível em: <https://mst.org.br/nossa-historia/70-82/>. Acesso em 12/09/2022.

16 Disponível em: <https://climainfo.org.br/2020/05/12/mapa-do-tamanho-das-propriedades-rurais-e-retrato-da-concentracao-de-terras-no-brasil/>. Acesso em 12/09/2022.

17 STEDILE, João Pedro. Disponível em: <https://mst.org.br/2022/04/29/quando-eu-tiver-a-terra-200-anos-em-busca-da-reforma-agraria/>. Acesso em 12/09/2022.

"AGROECOLOGIA É PROJETO DE VIDA". MARIA NATIVIDADE VIEIRA – MILITANTE DO MST, LIGADA À SAÚDE POPULAR, É ASSENTADA DA REFORMA

A palavra "ecologia" vem de *eco*, casa, e *logos*, que é saber. Ou seja, a agroecologia é a prática da agricultura tendo como preocupação compreender o planeta Terra, e toda sua riqueza e dinâmicas, para conviver de forma harmoniosa com todos os seres vivos que nele habitam.

Segundo Maria Natividade Vieira, militante do MST envolvida com a área da saúde,

> *"há dois projetos no mundo: um que destrói e outro que cuida da vida. Agroecologia é projeto de vida, porque há o cuidado com a mãe natureza, que é uma farmácia viva. A agroecologia cria condições naturais para que a natureza tenha equilíbrio e proporcione saúde ao ser humano e a todo o planeta, além de recuperar o que o agronegócio destruiu*[18]*".*

Neste ano de 2022, 33 milhões de pessoas passam fome no Brasil, mas o nosso país é o maior produtor de soja, café e açúcar do mundo, e o segundo

18 Esta fala foi obtida em entrevista da autora desta cartilha com a Sra. Maria Natividade Vieira, no ano de 2022.

DIA DE PRODUÇÃO COM VOLUNTÁRIAS DO PROJETO "MARMITAS DA TERRA" DO MST

maior produtor de carne em todo o planeta. O Brasil é o terceiro maior produtor de alimentos do mundo, mas está em 84° lugar no Índice Mundial de Desenvolvimento Humano [19](IDH). Este é o resultado da concentração de terras e de riquezas no Brasil. Existe riqueza, mas não é distribuída.

A pandemia da COVID-19 aumentou a desigualdade e a fome no Brasil, impactando fortemente o estado físico e emocional da humanidade. O MST, sensível ao sofrimento das pessoas, resolveu disponibilizar à população o alimento produzido nos assentamentos, de forma gratuita, uma vez que alimento não é visto pelo movimento como um "negócio", uma mercadoria, mas sim como fonte de vida. Desde o início da pandemia o MST produziu mais de 6 mil toneladas (6 milhões de quilos) de alimentos saudáveis na forma de doação, em todo o Brasil. No Paraná, neste período, foram doados mais de mil toneladas e 150 mil marmitas, através do trabalho árduo de pessoas, do campo e da cidade, envolvidas no projeto "Marmitas da Terra" do MST[20].

19 Disponível em: <https://www.gazetaweb.com/noticias/geral/brasil-fica-em-84o-lugar-em-ranking-mundial-do-idh/>. Acesso em 12/09/2022.

20 Disponível em: <https://mst.org.br/2022/01/14/mst-ultrapassa-6-mil-toneladas-de-alimentos-doados-durante-a-pandemia/>. Acesso em 12/09/2022.

palavras finais

Ao final desta cartilha, recuperamos a noção de utopia proposta pela filósofa brasileira Marilena Chauí. Para ela, a utopia se refere a um sonho que guarda um potencial de ser realizado, porém que não significa garantia de realização. A única certeza é que devemos prosseguir, com outras sonhadoras e outros sonhadores, na busca por alcançar a utopia sonhada.

Experiências não capitalistas em torno do trabalho ultrapassam as teorias e se materializam, na prática, mesmo que de forma breve, como foi a Comuna de Paris. Deixam registros, aprendizados, sementes e trazem a mensagem de que é possível a humanidade criar condições de vida comunitária regida por valores distintos daqueles capitalistas.

Retomamos a reflexão de Paulo Freire, quando diz que a utopia envolve a denúncia às estruturas desumanizantes e o anúncio à estrutura humanizante. De fato, os movimentos sociais se movem nesta dialética da denúncia e do anúncio, lançando críticas às relações de opressão e anunciando uma outra forma de vida em construção, horizontal e de cuidado com todos os seres da natureza.

As lutas, que abordamos nesta cartilha, em busca da realização de utopias de uma nova sociedade, são raízes e fermento da economia solidária e do cooperativismo popular. Nos colocando como herdeiros e herdeiras de quem lutou antes de nós.

Somos chamadas e chamados a perpetuarmos essas lutas, trazendo-as à memória e contribuindo com a sua continuidade, para que a humanidade possa alcançar outro patamar em termos de justiça social e do bem viver para todos os seres da Terra.

referências

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho.** São Paulo: Boitempo, 2003.

BOBBIO, N. *et al.* **Dicionário de Política**. 5. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 2000.

CHAUI, Marilena. **Repressão sexual, essa nossa (des)conhecida.** São Paulo: Brasiliense, 1984.

_____. Notas sobre utopia. **Ciência e Cultura**, 2008. Disponível em <http://cienciae-cultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252008000500003>. Acesso em 14/08/2022.

FREIRE, Paulo. **Conscientização**. 3. ed. São Paulo: Moraes, 1980.

_____. **Pedagogia da esperança**. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

GEDIEL, J. A. P. **Os caminhos do cooperativismo**. 1. ed. Curitiba: UFPR, 2001.

GENNARI, E. **EZLN: passos de uma rebeldia.** 3. ed. 2010. Disponível em <https://sinasefeifmg.com.br/wordpress/wp-content/uploads/2020/07/EZLN-passos-de-uma-rebeldia-3%C2%AA-Edic%CC%A7a%CC%83o.pdf>. Acesso em 12/09/2022.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.

¬¬_____. **Guerra civil na França.** 2002. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/guerracivil.pdf>. Acesso em 12/09/2022.

Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST. Disponível em: <www.mst.org.br> .Acesso em: 12/09/2022.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do partido comunista.** São Paulo: Expressão Popular, 2008.

_____. **Ideologia alemã. Teses sobre Feuerbach**. São Paulo: Centauro, 1984.

SANTOS, Boaventura Souza. **Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

SEWO, M.T. **Trabalho coletivo e dinâmicas de formação no contexto do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST): Análise de necessidades na perspectiva da psicologia social comunitária.** 2020. 294 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2020.

SINGER, P. **Introdução à economia solidária.** São Paulo: Perseu Abramo, 2002.

¬¬¬¬_____. **Economia solidária no Brasil.** A autogestão como resposta ao desemprego. São Paulo: Contexto, 2000.

WOODCOCK, G. **História das ideias e movimentos anarquistas.** Porto Alegre: LPM Pocket, 2002.

Apoio
TECSOL
INCRA
Realização
CEFURIA
TERMO DE FOMENTO
Nº 857556/2017
SECRETARIA NACIONAL DE INCLUSÃO SOCIAL E PRODUTIVA
MINISTÉRIO DA CIDADANIA
GOVERNO FEDERAL

VERSÃO DIGITAL

As três flores da Esperança

A *liberdade* é como o amanhecer: alguns a esperam dormindo, mas outros acordam e caminham durante a noite para alcançá-la. Eu digo que nós, zapatistas, somos viciados em insônia e deixamos a história desesperada.

A *luta* é como um círculo, pode começar em qualquer ponto, mas nunca termina.

A *história* não passa de rabiscos escritos por homens e mulheres no solo do tempo. O poder traça o seu rabisco, o elogia como escrita sublime e o adora como se fosse a única verdade. O medíocre se limita a ler os rabiscos. O lutador passa o tempo todo preenchendo páginas. Os excluídos não sabem escrever... ainda.